



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

J6 19:23

Literatura



Gil Vicente

Auto dos Escrivães do Pelourinho



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Auto dos Escrivães do Pelourinho

Gil Vicente

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do Século XVI.

Livro Digital nº 938 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AUTO DOS ESCRIVÃES DO PELOURINHO



FIGURAS:

DUARTE }
GONÇALVES } dois patifes

UM VILÃO

DOIS ESCRIVÃES

UM NEGRO

UMA VELHA

ATAFONEIRO

UM RATINHO

UM PARVO

(Entra Duarte, patife, e diz)

DUARTE

O diabo me tomou,
ir eu viver com ninguém,
não sei quem me enganou,
que vivia muito bem...
O demo me cativou!

Vivia à minha vontade,
tinha vida muito boa,
que, só por minha maldade,
era dos velhacos coroa
da Ribeira desta cidade.

Andar ali homem com feira,
esse é todo o folgar
e dizer: quem quer levar?
E se vê bolsa ou algibeira,
ver se a pode cortar.

Vive homem mui contente

à perinha e à maçã,
que esta vida é glória vã,
e também comeis pão quente
com manteiga, pela manhã.

Viveis assi descansado,
sem ter nenhuma opressão,
ali, no mal cozinhado,
há aí peixe cozido e assado,
que comeis com vinho e pão.

Muitas cousas de folgar
acha homem para bargantes,
há i uns dados de jogar,
e também um apanhar
de finos melões de Abrantes.

E outra cousa nos quadra
e nos é mui prazenteira,
esta é a nobre Feira
que há sobrenome Ladra...
com que muitos tem cenreira.

Duas vezes me tomaram
por mandado do meirinho.
A primeira me açoutaram,
e a outra, me ficaram
as orelhas no pelourinho.

Ora quero-me calar
com toda minha paixão...
E a mesa consertar
a meu amo, o escrivão,
por que não venha bradar.

(Estando consertando entra Gonçalo e diz)

GONÇALO

Ah, Duarte, companheiro!
Que alvissaras, me hás de dar
finas, de muito dinheiro...
porque te trago, parceiro,
novas para bem folgar.

DUARTE

Que demo pode isso ser,
que tu vens mui prazenteiro!?
Isso deve ser comer...
ou cousa de grão dinheiro
segundo meu parecer.

GONÇALO

Cousa é, de grande avio,
que a nós muito nos quadra,
de que eu me maravilho
e que é, a Feira da Ladra,
que se muda ao Rossio.

Acordámos em conselho
de se esta feira mudar,
sequer para nos deixar
aqueste alcaide velho
que a todos faz açoutar.

DUARTE

Parece-me a mi mal
tal conselho se acordar,
porque nos há de caçar
aí Francisco do Casal
e fará de nós mau pesar.

GONÇALO

Esse, está mui bom dizer
bem, Francisco do Casal

que nos pode aí fazer...
ele pode-nos prender
nas escadas do Hospital?

DUARTE

Ora, muito embora seja,
singular é teu dizer,
não nos pode aí prender,
porque isso é igreja...
Viveremos a prazer!

Em tudo és avisado,
e eu certo, assi to chamo...
Mas deixando isto apartado,
donde fica o malvado
do velhaco de teu amo?

GONÇALO

Mandou-me hoje trazer
a mesa a este lugar.
Eu bofe, fui-lha vender
e meti-me a jogar...
e o dinheiro fui perder.

DUARTE

Ora estás bem aviado
não hás vergonha de fugir?
Que tinhas amo honrado...
Foste mal aconselhado
de tal amo te sair.

GONÇALO

Minha ama é desesperada,
não tem nenhuma razão,
e, mais mal-aventurada,
pespegava-me punhada
que dava comigo no chão.

DUARTE

A minha é arrazoada,
uma cara de estorninho,
seu beber é biscainho...
A cada comer, uma canada,
há de beber de bom vinho.

GONÇALO

Olhai, com que me acode,
tudo isso não é nada,
falas-me numa canada?
Pois a minha, um almude
bebe de cada assentada.

DUARTE

O mundo vai-se perdendo,
porque já não há mulher
moça, velha, e qualquer,
já todas o vão bebendo...
E o chupam no pichel.

Então, se lho vem beber,
dizem que é por amor da madre...
Sabem já tanta maldade...
que não se podem escrever
cousas desta qualidade.

Doutra cousa me espanto...
e é para espantar!
Velhas mortas por casar...
que não podem com o manto
e querem-se desposar.

GONÇALO

Isso é por que eu cramo,
já todas querem casar...
Mas deixando esse falar,

ementes não vem teu amo?
Queres tu aqui jogar?

DUARTE

E que jogo jogaremos?
Primeirinha a descartar?

GONÇALO

Jurei de não jogar,
mas aos dados rifaremos
que é jogo singular.

DUARTE

E eu que os fui perder!

GONÇALO

Aqui trago eu, alguns três,
muito bons de receber.
Vê tu, se o queres fazer,
e mais, logo há de ser!

DUARTE

Sou contente, não me pesa...
bem podes logo deitar,
se tua mercê mandar...
Aqui, sobre esta mesa.

GONÇALO

Quanto havemos de jogar?

DUARTE

Cada rifa, um vintém,
ponde aí o tostão,
que eu conheço-vos mui bem.

GONÇALO

Ponde vós outro, cabrão!

DUARTE

Vedes o meu, como vem?

GONÇALO

Jogo pois, que assi quereis,
eis ali, tenho catorze...
e sete, são vinte e três...
eis ali, tenho mais doze...
e fazem trinta e seis.

DUARTE

Eis ali, tenho eu dez...
dez e quatro, são catorze...
e onze, são trinta e três!

GONÇALO

Olhai, que esto já perder,
pouco te aproveitam os onze.

DUARTE

Mas tornemos a jogar
que esto foi balcarriada,
se não, não te hei de pagar.

GONÇALO

Se quisesses ora zombar!?
Paga-me, não cures de nada!

DUARTE

Que dizes, que te hei de pagar?
Dar-te-ei infinita punhada!...

GONÇALO

Si vós quereis pelejar
por me não pagardes nada,
esse está mui bom falar.

Sus, paga-me o dinheiro,
se não hei-te de matar!...
Ora hás-me de pagar...

DUARTE
Também trazemos faqueiro...
com faca para arrancar.

GONÇALO
Que é isso? Já vós suais?
Que é agora o que dizeis?
Já vós vos acovardais?

DUARTE
Ainda vós, vilão, falais?
Já vos acolheis?

(Vão-se ambos e entra o Escrivão Primeiro, e diz o Escrivão)

PRIMEIRO ESCRIVÃO
Digo que isto está bem.
O meu moço não é aqui,
e foi-se por i além...
Que me mate por ruim
se não prova o rebém.

Confiai lá em rapazes,
e vereis onde ireis ter...
Para nada são capazes!
E nunca tendes prazer
com eles, nem menos pazes...

(Entra o Escrivão Segundo e diz)

SEGUNDO ESCRIVÃO
Ora bem, Deus vos ajude!
Há cá muito que fazer?

PRIMEIRO ESCRIVÃO
Deus vos dê muita saúde!
Inda agora aqui vim ter
e sempre ele me acode.

SEGUNDO ESCRIVÃO
De que estais apaixonado?

PRIMEIRO ESCRIVÃO
Estou! Eu que fui mandar
hoje mesa aqui pousar
por aquele meu deslavado,
e foi-me aqui só deixar...

SEGUNDO ESCRIVÃO
Eu também estou espantado
que dêis hoje, este dia,
é cá o meu malvado.
É certo que se iria...
e levou-me o meu furtado.

PRIMEIRO ESCRIVÃO
A que o mandastes cá?
Que esse vosso, é má peça!

SEGUNDO ESCRIVÃO
Nunca vi cousa tão má!
Mandei-o trazer a mesa
e ele inda não é cá.

É certo que foi vender
a mesa para jogar...

PRIMEIRO ESCRIVÃO
Dive-lo de ir catar
antes de se acolher,
ou o dinheiro jogar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Mas dá-me ora na vontade
que é essa a minha mesa...
E também a minha tripeça!

PRIMEIRO ESCRIVÃO

Pardeus, que dizeis verdade!
Do que, ora bem me pesa.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Assi é, por vida minha,
que, eis ali, o sinal tem.

PRIMEIRO ESCRIVÃO

Ora, eu estava bem...
A minha mesa é vendida,
pois ela aqui não vem.

Nunca mais me hei de fiar
em moço que eu tiver...
Sempre eu ouvi dizer,
que é melhor, só estar,
que mal acompanhado viver.

Eu o vou logo buscar
per i, por esta Ribeira,
e hei-o bem de fustigar...

SEGUNDO ESCRIVÃO

Havei-lo de achar na Feira
da Ladra... ou a jogar!

PRIMEIRO ESCRIVÃO

Lá o quero ir buscar!
Se ele aqui vier ter,
fazei vós polo tomar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Se ele aqui vier
eu o farei aqui estar!

(Vai-se o Escrivão Primeiro e entra o Negro cantando)

NEGRO (*canta*)

“Siora por que matai
Fronando deso beirão
pois tener mi coração?”

Ah cotado malo-banturado,
cotado mi coração
como vioer tão penado...
Sempre doente, nunca são,
sempre mai martorizado.

Ai cotado, que barei,
nunca ter em mi prazer,
por isso nunca bom ter
mujer que anda com rei...
Porque nunca poder ber.

E por força, dezer,
burnudo masso que pego,
por que nunca falecer
outro perro de cão negro,
que para ela querer.

Contudo, mi sacreber,
ua carta a embora
em que manda rei dizer
alembrai mina siora
desse bodo que querer.
Ou sioro, belo mão!

SEGUNDO ESCRIVÃO

Venhas muito embora.

NEGRO

Nunca mi fugido, não.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Pois, que queres agora?

NEGRO

Não sentai bós, o scrivão?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Sião para quê,
ou que queres tu fazer?

NEGRO

Querer sacreber!
Secutar boso mercê
e deixar a mi fazer.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Ora bem, podes falar...
Assenta-te nesse banco!
Quanto me hás de dar?

NEGRO

Mi, darei um bintém branco,
se boso querer, começar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Sam contente. Nessa hora
o dinheiro me hás de dar,
e hei-ta logo de acabar...

NEGRO

Si, eis aqui, tomar.
E pôr logo : siora.

(Carta do Negro)

Siora,
se bós querer, matai, matai
porquê já? Porquê? Falai
por que nunca mio agora?
Quer mi lebar
à coba, a enterrar?

Nunca querê sacreber...
Não querê mandar recado!
Parece que há de morrer
e assi, desoporado,
para nunca más a ber.

Não querê malo falar,
senão que mandar dezer
que outro negro não tomar
para coso defender
senão mi há de raivar...

Pôr: de boso sobridor,
e amigo, Fernão Capado...
Muito grão boso morado...
Ora ser, ora sior.

(Lê a carta o Escrivão ao Negro, e acabada diz o Negro)

NEGRO
Jesu, Santo Perito,
cumo sentar bem notada...
Ora, fazê bem cerrado...
Ora faz o sobrequito,
pera bai bem sacritada.

SEGUNDO ESCRIVÃO
Que sobrescrito há de levar?

NEGRO

À siora, siora... Mi siora
Caterina Rabular...
Em casa de Dom Gasopar...
Na cidade de Évora.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Ei-la, aí tens acabada,
vê tu que queres agora...

NEGRO

Sentar bem sacritada?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Toda está bem concertada!
Vai-te muito na boa hora.

(Vai-se o Negro e entra um Moço de escudeiro)

MOÇO

Não pode maior mal ser,
que ser moço de escudeiro!...
Que nunca tendes dinheiro,
nem menos bem de comer.
Enfim, que é vida de marteiro.

Mui mal aconselhado
fui, pôr-me com escudeiro...
E mais ainda, com um pelado!
Que dous vinténs em dinheiro
não tem o triste coitado.

E então...

vê-lo ir para o serão...
Que vai feito um caracol,
e vai-se à Porta do Sol
furtar capas, para pão.

Então, ver a simulação
com que vai a casa ter.
Faz: moço tens de comer!?!...
Porque eu venho do serão,
bofé, com grande prazer.

Porque lá, não me escapa
um bailar de tordião...
Bailei eu de tal feição
que me deram esta capa,
que trouxesse para pão.

E ele, trá-la furtada
ao triste pecador,
que ganhou com seu suor...
Não falo nisto mais nada
lá se avenha com o senhor.

Que ele há o de pagar,
em Inverno ou Verão!...
Ora, enfim, quero falar
ao senhor escrivão...
Deus o queira ajudar!

SEGUNDO ESCRIVÃO
E a vós, senhor, também
vos queira sempre guardar!

MOÇO
Queria com ele falar...

SEGUNDO ESCRIVÃO
Ora, diga ao que vem,
servi-lo-ei, se mandar.

MOÇO
Quero que seja informado

do caso a que venho aqui:
Eu estou com um pelado
de um escudeiro, assi,
muito grande namorado.

E tem-me ele prometido,
se lhe eu arrecadar
isto, que quero contar,
um muito fino vestido,
diz, que mo há logo de dar.

E, é que anda de amores
com uma filha da sardinheira...
que agora é tripeira!
Ela, não lhe dá favores,
do que ele tem canseira.

E mandou-me um recado
agora, a sua casa,
e eu não sei o que faça
sequer! Por ir aviado,
faça-me uma carta falsa.

Como que vem de sua mão...
Ganharei eu o vestido!
E mostre ter-lhe afeição,
dizendo, que o coração
só por ele tem perdido.

SEGUNDO ESCRIVÃO
Eu farei isso, mui bem,
se me for mui bem pagado!

MOÇO
Aqui trago eu diputado
para isso, um vintém.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Como dizia o recado?

MOÇO

Dizia, senhor, assi:

Eu sou mui pouco alembrado
senhora do meu cuidado,
mas, alembrai-vos de mim,
que por vós vivo penado.

(Escreve o Escrivão a carta entre si desta maneira)

CARTA

Senhor,

Cá me mandou um recado,
em que dá a entender
que eu lhe dou cuidado,
e, que de mi não é lembrado,
e que o deixo morrer...

Por certo que tudo isso
se encerra em mim, senhor,
que sou presa de seu amor...
Por vê-lo, em seu serviço,
não lhe escrevo mais senhor.

SEGUNDO ESCRIVÃO

A moça, como se diz?

MOÇO

À moça chamam Maria,
segundo a mãe dizia...

SEGUNDO ESCRIVÃO

Sua servidora, Maria...
Ora escutai o que fiz!
Vereis cousa à maravilha!

(Lê o Escrivão a carta acima escrita e acaba diz o Moço)

MOÇO

Está, meu senhor, tão bem,
que não pode mais estar!...
Há-me a logo de cerrar...
Tome aí este vintém,
escrito não há de levar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Ei-la, aqui tendes cerrada.
Isto para homens vãos
não é senão marmelada,
porque vai mui bem notada...

MOÇO

Senhor, beijo-lhe as mãos!

(Vai-se e entra um Vilão e diz)

VILÃO

Este é um cajo forte,
para mim, de grão cuidar...
Não sei em que há de parar,
ou ela a tomou, a morte,
ou a quer, nego, tomar!

Como é não me mandar,
a boa de minha mulher,
uma carta de escrever...
Pois que, nego, quer passar
de três meses que vim cá ter.

Não me parece a mim
isto bem, a bem falar...
Ela carta não mandar...
amorio novo anda por i,

não posso menos cuidar.

Mas se ela assi o faz
não o fará por maldade,
fá-lo-á por amor da madre
de que é doente assaz...

Enfim, hei-lhe de escrever,
porque certo é razão...
Verei que manda dizer!...
Deus vos dê muito prazer!
Sois vós, nego, o escrivão?

SEGUNDO ESCRIVÃO
Que quereis, homem de bem?

VILÃO
Queria senhor, fazer,
digo, nego, escrever
uma carta ou item,
para minha mulher...

SEGUNDO ESCRIVÃO
Ora, assentai-vos aí...
Quem na há de notar?

VILÃO
Eu lhe hei bem de pagar...
Escute-me a mi
o que lhe quero contar.

Eu sou, senhor, casado,
na vila de Alfundão...
Vai, veio um meu cunhado,
faze-me vir com apelação
lá sobre um meu serrado.

Ando cá desde agosto,
sem a boa de minha mulher
sem nunca me escrever...
Ela tem mui bom rosto,
hei medo, que se há de esquecer.

SEGUNDO ESCRIVÃO
Quem há de notar?

VILÃO
Vós, hei-la de escrever,
e eu, a hei de notar.
Um vintém vos hei de dar...
Começai logo a fazer...

Ponde logo: Senhora mulher...

(Carta que escreve o Vilão)

CARTA
Senhora mulher.
Sempre eu vim no batel
até que aqui vim ter...
Não me quisestes escrever,
quiçais, não tereis papel,
ou, o não sabereis fazer.

Eu fico nesta cidade
de vós muito agravado,
por me dizer João de Arado
que andais cheia de vaidade,
e que, é tudo emburrilhado.

Se assi é, ou não,
vós mesma o sabereis!...
Vós, olhai o que fazeis,
não durmais o sono em vão

porque certo mal fazeis.

E mais, vos faço saber,
que cá não faço mal alguém...
Não quero mais escrever
senão, que Deus vos dê bem,
e vos livre de bem querer.

De vosso marido, João Lourenço.

VILÃO

Escreva o sobrescrito
para, Maria amada,
mulher de bem, e casada,
moradora em Santo Espírito
na vila já nomeada.
Tendes tudo acabado?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Já estais bem aviado...

VILÃO

Pois, tomai este vintém,
e Deus vos dê sempre bem
porque sois homem honrado.

(Vai-se o Vilão e entra uma Velha e diz)

VELHA

Eu tenho bom parecer
e tenho boas feições...
Me desejam todos ver...
E, não posso tão velha ser
como foram as paixões.

Estas paixões me enterrarão,
e secarão até aos tutanos...

Paixões me envelhecerão,
que agora não me chegarão
moçazinhas de quinze anos.

Uma carta quero mandar
a um homem de prazer,
hei-lha mui bem de notar
que se há de espantar!...
Verei que me manda dizer.

Eu, triste, não vejo nada...
Onde está o escrivão?

SEGUNDO ESCRIVÃO
Que mandais, dona honrada?

VELHA
Deus vos dê consolação!

SEGUNDO ESCRIVÃO
E a vós, faça bem casada!

VELHA
Amem!...

SEGUNDO ESCRIVÃO
Que mandais?
Assentai-vos para aí.

VELHA
Quero fazer assi:
quero que me escrevais
uma carta logo aqui...

Tomai logo esse vintém.
Haveis-ma de escrever
a um padre, que me quer bem,

ponde tudo por item,
como vo-lo eu disser.

Carta que manda escrever a Velha:

CARTA

A vós, Gonçalo da Cortiçada...
Eu vos mando encomendar,
que vos queirais alembrar
como por vós sou prenhada,
e quero-me convosco casar.

Por isso, vede o que fazeis,
tirai-vos desse marteiro...
Que melhor vos casareis
que andardes por varredeiro
de quem, mais que eles valeis.

Disto, tende vós cuidado,
não vos cure de esquecer...
sereis mal aconselhado...
Não quero mais escrever,
senão, que sejais bem casado.

De vossa esperdiçada, Ana Afonso.

Isto abasta, por agora,
não lhe quero mais pousar.
Sobrescrito não há de levar...
Ora sus, naquessa hora
ma tornai a declarar.

Lê o Escrivão a carta e diz a Velha:

Está senhor muito bem
não há i mais que falar...
Deus vos queira bem guardar!

SEGUNDO ESCRIVÃO

E a vós, dê sempre bem,
e vos queira bem casar.

(Vai-se a Velha e entra um Atafoneiro e diz)

ATAFONEIRO

Esta ida del-rei para Évora
me deu mui grande canseira,
porque, se ele não fora,
estivera aqui agora
minha senhora padeira.

Que agora vivo penado,
penado com afeição...

pois o amor tão chegado
se foi, por me dar paixão.

Eu hei-lhe de escrever
uma carta excelente...
que se espante a gente
que a ler, ou ouvir ler,
como homem mui prudente.

Este, deve ele de ser,
o decho do escrivão...
Ora Deus vos dê prazer!...
Se quiserdes... senão, não...
Assi se há de entender.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Que diz lá o atafoneiro?
Pareceis-me namorado!

ATAFONEIRO

Bofé, bem atribulado,

que passo tanto marteiro
quanto sabe meu cuidado.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Pois, que é o que quereis,
que vindes arrecadar?

ATAFONEIRO

Vós não me escrevereis
uma carta para mandar?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Escrever-vos-ei eu, três.

ATAFONEIRO

Pois, tomai este vintém,
fazei como vos disser,
que, se for a meu prazer,
um melom de Santarém
vos darei para comer.

E ponde logo: Senhora.

(Carta do Atafoneiro)

CARTA

Depois de me encomendar
em vosso chapado amor
para vos contar minha dor...
não vo-la posso contar
porque me falta favor.

Digo, que mouro vivendo
por vos ver, minha senhora...
Não sejais vós causadora
de me eu estar cá morrendo.
Vinde vós já dessa Évora.

Assi, senhora, que me não dê
com esses tiros tão mortais,
porque o que passo não vê...
E por agora, nô mais,
encomendo-me em vossa mercê.

De seu amado, Afonso Gil
Lea-me ora...

(Lê o Escrivão a carta acima escrita)

ATAFONEIRO
Muito boa está assaz...
Ora, çarre-ma agora.
O sobrescrito diga: à senhora...
Senhora Lianor Vaz,
minha grande matadora.

SEGUNDO ESCRIVÃO
Ei-la, tendes acabada,
bem vos podeis ir embora...
Ei-la aí, mui bem cerrada.

ATAFONEIRO
Ficai com Nossa Senhora,
que o tenha em sua guarda.

(Vai-se o Atafoneiro e entra o Ratinho e diz)

RATINHO
Ai!... Se com este suspirar
se me fosse a paixão,
para me desabraçar
este triste coração
que de dor, me quer saltar.

Ai!... Hei por força de sentir

a dor daquesta ferida...
pois me veio a ferir
a esperança perdida,
para me nunca mais vir.

Ah, cartinha quem te fez?
Por que não queres falar?
Ai!... Ajuda-me a suspirar,
porque é certo, que tu vens
da causa do meu penar.

Como vai a Catalina?
Não me queres responder?
Por quem te mandou escrever?
Nam quer a minha mofina
que o tu saibas dizer.

Em que cabo pôs a mão
aquele rosto pintado,
mais luzente que carvão,
para que o meu coração
nela seja pranteado?

Quero-te ir dar a ler...
Tu serás o meu perigo,
nisso, não há que fazer...
Deus vos ponha mais prazer
do que eu tenho comigo!

SEGUNDO ESCRIVÃO
Tu sejas mui bem chegado!
De que é tua paixão?

RATINHO
É um mal de coração
que o tenho asseteado,
sem cura, nem guarnição.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Tenho grande dor e pesar
certo, deste vosso mal...
Por que dais a demonstrar,
não se pode já curar.
Foste já ao espirital?

RATINHO

De ninguém é conhecido
meu mal, nem minhas dores...
Curaram-me os curadores
do espirital dos perdidos,
que mas fazem inda maiores!

SEGUNDO ESCRIVÃO

Muito bons mestres há i!...
Não sei como não sois curado,
assentai-vos para aqui.

RATINHO

Sempre este mal em mim
está mui encurralado.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Não vos posso entender,
não falais por via direita.
Fostes ao espirital ter?
Como pode isso ser?
Não vos deram alguma receita?

RATINHO

Receita, senhor, si,
hoje ma meteram na mão!
Ai!... Para o meu coração
sem chegar mais ao fim
e eu ter maior paixão.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Isso é carta de amores,
e vós sois-me namorado?

RATINHO

Essas são as minhas dores!

SEGUNDO ESCRIVÃO

Aqui tendes mil favores...

(Lê o Escrivão a carta que traz o Ratinho, e é a seguinte)

Gonçalo amado
e de mim mui querido:
Sois meu namorado,
porque já é devido
vos é ordenado!

Cá me querem casar,
muito em que me pés.
Vinde-vos apresentar,
olhai que fazeis!
Deus vos queira guardar...
Vossa amiga, Catalina.

RATINHO

Ai! E não mandas mais dizer?
Diz que a querem casar,
hei-me de pôr a chorar...
Quer-me ele escrever
a resposta, se mandar?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Eu a farei muito bem,
mas haveis-me de pagar.

RATINHO

Tomai lá esse vintém,
começai de assentar.

(Carta que nota o Ratinho para mandar à sua dama)

CARTA

Vós me tendes já matado
ainda que vivo ando...
Por ser vosso namorado,
sempre cá ando chorando
sem me ter aproveitado.

Eu vos mando encomendar
que não caseis lá com ninguém,
e assi vo-lo mando rogar,
porque, vós sois o meu bem,
que Deus me queira guardar.

De vosso esposo, Gonçalo.
Ora leia-ma, senhor.

(Lê o Escrivão a carta acima escrita e diz o Ratinho)

RATINHO

Ora, está muito boa,
a todo meu contentar!
No sobrescrito há de levar:
À muito nobre pessoa,
Catalina de Olivar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Esta carta seja dada
a Catalina de Olivar...
Ei-la aí, vai bem notada.

RATINHO

Ora, Deus vos queira guardar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Ele seja em vossa guarda.

(Vai-se o Ratinho e entra um Parvo cantando)

PARVO

Ai damalo, ai damalo... *(Cantando)*

Quem me dera um condado...

Noutro dia fui ao mato

catar um feixe de lenha,

e passei pela azenha,

e pareceu meu sapato.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Moço, és muito avisado,

segundo meu parecer...

Queres tu ser meu criado?

PARVO

Mas vós sereis o pelado!...

Que eu, não no hei de ser.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Queres tu morar comigo?

Dar-te-ei bem de comer.

PARVO

Se vós me derdes, um figo,

serei eu vosso amigo,

e mais, vinho a beber...

E cama, para dormir,

e lume, para me aquestrar,

botas para eu calçar

e pano para vestir.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Tudo isto te darei
se comigo quês viver.

PARVO

Não me heis de ensinar a ler,
porque logo chorarei...
E se não, não quero ser!

SEGUNDO ESCRIVÃO

Sam disto muito contente!
Não te quero ensinar
se comigo quês morar!

PARVO

Eu também sou mui contente!
Dai-me logo de almoçar.

SEGUNDO ESCRIVÃO

Ora, toma na cabeça
essa mesa, e este banco.

PARVO

Ai! Eramá, como pesa!
Oh, dou ó demo a mesa,
que me tem já um pé manco.

Eu botei-a ali no chão,
pois não na quereis tomar?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Dou ó demo o parvoeirão!
Tomai-a logo, sem tardar,
e tende-a mui bem na mão.

PARVO

Se ela pesa, como lazeira!

Vós não na quereis tomar?

SEGUNDO ESCRIVÃO

Eu levarei a cadeira...

PARVO

Pois eu hei de ir a cantar.

(Cantiga)

Olhai mãe, não vos morrais,
esperai assi, eramá,
um pouco, até que eu vá.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com